



Em meio ao burburinho do Centro, algumas casas antigas, que abrigaram gerações, sobrevivem e marcam uma época

As companheiras da cidade

Pupa Gatti

Com menos mar de um lado e menos verde de outro, espremido, o centro de Vitória ainda floresce às custas de seu rio principal — a Avenida Jerônimo Monteiro. As es-

trepolias dos carros e ônibus, a violência corriqueira das esquinas não riscam o encanto deste pedacinho cercado de lojas e bares por todos os lados.

Como Dom Quixote de saias, algumas casas resistem ao modernismo. Não arreda-

ram o pé da terra de origem. Aquelas abandonadas à sorte mantêm a dignidade nas portas, janelas, pé direito. Outras não perderam o lugar de berço, acalentando nascimentos e muitos casamentos.

Estilo bem conservado e lembrança

Os beijos não estão no jardim por acaso. Por natureza, crescem fortes e coloridos — brancos, rosa, vermelhos, laranja — com pouca chuva e pouco sol. O carinho de Anna Vianna de Carvalho é tanto pelo lugar que, para chegar até as plantas, atravessou paredes de pedra de até 70 centímetros.

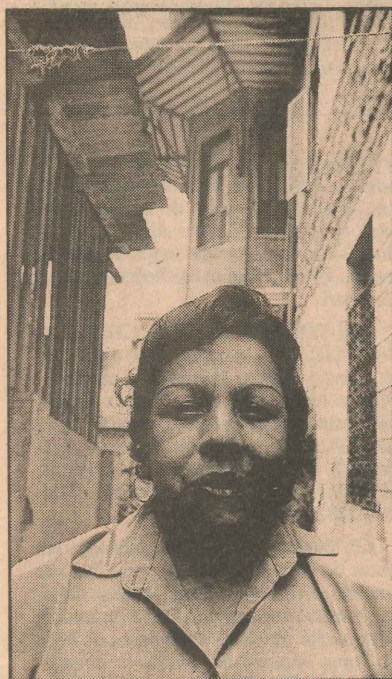
Coisas dos mestres de obra de antigamente. Do tempo em que seu pai, David Teixeira, decidiu se fixar na Capital e construir a residência. Mais ou menos 1940/41. “Dois filhos da minha irmã nasceram nesta casa. O projeto é original, muitos cômodos, uma escada de jacarandá. O estilo, neobarroco”, lembra Anna.

No número 211 ela está há 35 anos, numa Wilson Freitas bem diferente. Esuburcada, repleta de carros. “Fizemos três reformas mas conservamos o pé direito de 3,40m. Conservei até a cerâmica e as pastilhas do banheiro. Procurei não tirar o estilo da casa”, prossegue a moradora.

A casa ao lado é gêmea, inseparável. “As duas não poderão ser vendidas nunca. Elas têm que passar de geração para geração. Aqui é uma beleza para morar. A rua é tranquila. A gente respira ar puro. Não troco aqui por lugar nenhum, em Vitória. Deus me livre de apartamento. Aqui vou lá fora, respiro. Nós somos muito felizes aqui. Se falar em vender com dois de meus sobrinhos, Zé Geraldo e Alci, eles morrem”.

Subindo um pouco mais a calçada, é interessante ver de perto uma construção que chama a atenção do curioso a muitos metros de distância. Quase um castelo dos tempos modernos, esse esconderijo de portas longas vermelhas e janelas de cor igual não desabou. Apenas gotearas, do escuro, da fiação desencapada, das caldeiras de uma lavanderia, do calor do forno da padaria vizinha.

A casa de número 300 parece uma flor de violeta no meio de tantas folhas de concreto. É um cerco. Ela pertence à família Neffa, que



Aldina nem pensa em deixar a tranquila casa

empresta temporariamente o imóvel a um de seus funcionários. Ao todo, são 14 cômodos. Só o andar de cima é habitado por Carolina do Remédio. Apesar da idade, ela mora sozinha.

A área de uma antiga lavanderia, nos fundos da casa, agora reúne sala, quarto, copa e cozinha. Aldina do Nascimento Rodrigues, nora de dona Carolina, lembra bem de tudo em 8 anos de moradia.

“A casa era igual a uma rosa. Era pintada igual. Depois que reformaram o edifício José Neffa, os pedreiros jogavam pedras de lá pra cá. Meu menino está com 11 anos. Quando vim para cá ele estava começando a andar. Deus me livre de sair daqui”, fala Aldina Rodrigues.

“Parece que eles, a Prefeitura, tombaram (ri da palavra, sem saber bem o significado) a casa. Acho que vão reformar”, arrisca.

O fundo do quintal pequeno por pouco não encosta na janela do lado, separada por cerca flexível de arame farpado. É a janela da casa nº 921, que começa no portão de ferro — sempre fechado — da Avenida Jerônimo Monteiro.

O solitário jardim em vários planos permanece aristocrático. Apesar do mato, do lixo, talvez



Iolanda se casou e criou filhos na mesma casa

graças aos pés de manacá que insistem em dar flores e perfumar boa parte da calçada, como faziam em outros tempos. Herança da família Vivacqua, os herdeiros parecem pouco animados a retornar ao Centro.

Uma das filhas habita a casa mas acha que ela merece poucos comentários. “Ela não é antiga. Não tem nem 60 anos... Já foi bonita. Hoje está um lixo. Não tem nem estilo. Foi construída por meu pai”.

A de Iolanda de Sá Adnet Coutinho, na Rua Gama Rosa, 154, agrega, além da história familiar, um dado curioso: foi vendida com telefone, em 1908. Parte de um conjunto residencial inaugurado pelo governador Jerônimo Monteiro, ela custou, na época, 8 mil. Há 65 anos Iolanda observa o reordenamento do Centro do mesmo lugar.

“Na rua, ao lado, tinha um lamaçal. Mas a rua era tranquila. A casa de tábuas largas foi ajustada às necessidades da família. “Tive que me acostumar. Me casei aqui. Os dois filhos nasceram aqui: um é coronel do Exército e o outro advogado e dentista. Morar no Centro é a melhor coisa. Aqui no Centro tem tudo junto: padaria, farmácia. É a melhor coisa”.

Nos planos da PMV, a restauração

Até o final do ano, o Centro da cidade não vai ser mais o mesmo. Sem grande alarde, a assessora de Planejamento da Prefeitura Municipal, Sandra Berredo, “está tentando mudar a cara de Vitória”. Em lugar do cinza/severo habitual de suas construções, as pinceladas que recobrem este passado chegam às ruas em tons pastéis.

Azul, branco, pêssego, rosa e bege são algumas das cores escolhidas para revitalizar uma arquitetura que ninguém mais se preocupa em observar. E a tentativa é parte de um projeto muito maior — Revitalização do Centro — iniciado no ano passado e sem tempo certo para acabar. “Nossa administração termina, mas a recuperação da cidade continua”, observa Sandra.

A intenção é “mudar a relação do cidadão com a cidade. Acho que na época da ditadura houve um rompimento. Eles tentaram apagar a história, romper com o passado”, prossegue a secretária. Para que o esquecimento não apague, de vez, essas marcas, a cor vai dar um “puxão de orelhas” nos desavisados capixabas.

A reforma sobe escadarias e, até, atravessa pontes. É o caso da Ponte Seca que, se seguir a viagem dos arquitetos, anoitece iluminada e pintada de cor bem vibrante. A Prefeitura já entrou em contato com o DER (órgão responsável por sua preservação) e o trabalho conjunto está em andamento.

As praças — Costa Pereira, Ubaldo Ramallete e da Catedral — vão ser entregues ao povo com outro desenho. A Costa Pereira, provavelmente, até 15 de setembro afasta os tapumes. Recebe seus fiéis frequentadores com flores novas e as sombras convidativas de sempre.

A Ubaldo Ramallete, palco da antiga Prefeitura, ganha piso novo. As pedras portuguesas remontam, como quebra-cabeças, à plan-



O metal ainda cobre boa parte de imóveis antigos, descaracterizando as casas

ta baixa da citada sede. As crianças recebem brinquedos e os idosos banquinhos especiais para um jogo de damas ou dominó. No caso da Catedral, as idéias ainda estão no papel.

“Ao todo, são mais de 50 projetos”, confessa. O Mercado da Capixaba e o prédio onde vai funcionar o Museu de Artes (antigo endereço da Secretaria de Administração) também fazem parte dessa lista. Como são imóveis do Estado, o Departamento Estadual de Cultura (DEC) acabou por se tornar parceiro da empreitada.

A transformação rápida da ilha — de paraíso a capital industrial e comercial — trouxe junto uma parafernália publicitária. Os sóbrios e senhores anúncios das alfaiatarias, cafés e armários foram, sem a menor consideração, cobertos por letreiros de alumínio uniformizados. Devagar, explica Sandra Berredo, vai se tentar mudar esse quadro.

É sedutora a proposta do órgão municipal. “Quem mantiver o prédio em condições ideais vai ter isenção total do Imposto Predial”, avisa. Os proprietários podem procurar diretamente a Prefeitura e recolher os detalhes do projeto, des-

de que o imóvel esteja situado no Centro.

Por parte da Secretaria, a biblioteca tem início na Avenida Jerônimo Monteiro. As fachadas de números 761/765 em diante (as cinco seguintes em ordem decrescente) são as primeiras a entrar na lista. Em seguida, uma conversa entre o dono da casa e a Prefeitura dá o tom exato à fachada. “Estamos começando pela Jerônimo Monteiro, para detectar as áreas de interesse de preservação”.

A reforma do Tancredão está na mira. Do mesmo modo o Viaduto Caramuru, que deve receber Papai Noel de roupa nova, possivelmente azul e branco. Se o Baneb for contagiado com o entusiasmo dos planejadores, se despe inteirinho. Retira, peça por peça, as lâminas que contornam a parte superior de suas portas de vidro e deixa a nu os desenhos em alto relevo da parede e em frente à Costa Pereira e em frente à Jerônimo Monteiro.

Antes do prédio ser ocupado pelo Banco do Estado da Bahia, as vitrinas de Madame Prado marcaram época. As elegantes senhoras dobravam a esquina em salto alto, preocupadas apenas com os ditames franceses.